



HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: PENSAMENTOS E FASES

Luciana Rebousas¹

RESUMO

A Educação conduz, encaminha o homem num sentido que ela possa ver a si mesmo no constante processo de formação, cujo o fundo e fim é o próprio homem, o ser humano. Desse modo a educação aparece como possibilidade de que ele venha a abrir-se à concepção primeira, fundadora da qual emergiu toda a estrutura de pensamento pedagógico do homem da civilização ocidental: a ideia de Paideia. Esse texto tem como objetivo discorrer, sinteticamente, sobre fases da História da Educação e suas transformações ao longo do tempo, iniciando pela Educação no Brasil, com Paulo Freire e Darcy Ribeiro, apresentando um antagonismo, com o Positivismo de Auguste Comte e o pensamento de Karl Marx, e, com a Educação Romana, que construiu suas bases na Grécia, de onde surge toda a civilização ocidental. Considerando o objetivo do artigo, apresentamos algumas informações históricas do Século das Luzes e da Educação na Idade Média, evidenciando que essa construção histórica foi marcada por múltiplas fases e pensamentos.

Palavras-chave: Educação, História da educação, Paideia.

INTRODUÇÃO

A Educação vem se transformando ao longo do tempo. Ela própria encontra-se submetida às mesmas circunstâncias produtoras da História, desencadeadas pelo avanço constante e inevitável dos processos revolucionários de caráter científicos, tecnológicos, religioso, econômico, políticos e dos sucessivos conflitos bélicos civis e militares; fatos que afetam o modo de vida do homem entre os outros homens, interferindo direta e indiretamente na concepção valorativa ética e moral no modo como lida com a sua própria formação educativa.

Neste sentido a Educação sofreria pelas variáveis circunstanciais das revoluções, porém é preciso opor-se ao pensamento de uma educação passiva, submissa aos fenômenos históricos, pois é ela mesma a causa de suas próprias circunstâncias dos fenômenos que a impulsionam, caracterizando-o como força motriz de todas as revoluções.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – RJ, lurebousas@gmail.com;



A concepção de Paideia, que antes designava apenas as crianças, é estendido e cristalizado para uma outra concepção, ainda no século IV, a.C, para vir a abarcar uma maior complexidade de sentidos. O filósofo Werner Jaeger, comenta sobre isso em seu livro *Paideia: a formação do homem grego*. Para Jaeger (1995), os gregos nomearam Paideia aquilo que abarcaria todas as formas e criações do espírito; assim como nós a conhecemos e chamamos pela palavra latina, cultura. Contudo, ao traduzir o termo Paideia perde-se de sua semântica original, e os recursos de nossa linguagem acabam por empregar termos que não coincidem com o que os gregos entendiam por Paideia, pois os termos que utilizamos só conseguem expressar um aspecto da ideia de Paideia.

Tomando por enfoque essa concepção primeira de educação, advindo dos antigos gregos, este trabalho visa apresentar brevemente os períodos históricos pela qual a educação passou por transformações significativas, e identificando pelas nuances o afastamento dessa concepção tão complexa de educação de que grandes pedagogos tomaram por base para consolidação de seus métodos pedagógicos.

Tomaremos por princípio a educação no Brasil, para expor nosso contexto atual, e que com isso possa-se constatar os processos de diferenciação das ideias, os objetivos, as falhas e os sucessos que nos levaram a situação que na contemporaneidade vivemos quanto a Educação.

Educação no Brasil

Durante a 29^a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1977, Darcy Ribeiro, disse o seguinte: “Em consequência, a crise educacional do Brasil, da qual tanto se fala, *não é uma crise, é um programa*. Um programa em curso, cujos frutos, amanhã, falarão por si mesmos” (RIBEIRO, 1986, p. 20, Apud, SILVA MUZZETI, 2017). A fala de Darcy Ribeiro, naquela ocasião evidenciou a situação da educação no seu momento, mas logicamente de consequência futuras, e que o que vemos no momento atual é parte do que vigora desse programa denunciado por constatamos que, mesmo após mais de quatro décadas do seu comentário é inegável dizer que o programa teve sucesso na sua execução e concretização, e os resultados alcançados podem ser identificados.



A preocupação de Darcy Ribeiro era condizente com o contexto da época, em que o Brasil, como comentam Silva e Muzzeti (2017), passava por situações que representavam grandes danos para a educação, pois era o momento que Governo, desmantelava a escola pública e a universidade. O regime ditatorial, desde sua implantação, sempre teve interesse em legislar sobre as variáveis que afetavam de modo contundente a universidade, minando-a de sua autonomia através de reformas contenciosas e elitistas; como também a educação básica passou por reformulações entre os 1º e 2º graus, reestruturando a grade curricular com supressão de disciplinas e diminuição da carga horária.

Antes da declaração de Darcy Ribeiro, o professor e educador Paulo Freire, hoje patrono da Educação brasileira, que ao tomar contato com a realidade campesina e proletária de Pernambuco em meados da década de 40 e 60, revolucionou a modo de pensar e fazer Educação, ao formular novos conceitos acerca da teoria e da prática educativa; opondo-se fortemente ao que ele chamava de educação bancária, na qual os estudantes eram tidos por recipientes vazios, em que os conteúdos das disciplinas desembocariam e ficariam armazenadas, sem que esses conteúdos viessem a significar e (re)significar a vida e formação dos alunos. Freire expôs a grande inabilidade de articulação didática dos professores quanto aos conteúdos disciplinares, que se distanciavam da realidade vivida pelos trabalhadores rurais e os que trabalham na indústria.

Freire é o pensador da educação de maior vulto na história da educação brasileira, tendo sido capaz de produzir uma educação que objetivava levar o homem a sua libertação da condição de oprimido. Entretanto, Freire tem a lucidez necessária para afirmar que a libertação do oprimido pode esconder em virtude da opressão, o próprio opressor, não sendo suficiente conceder a libertação, mas no sentido desta, deve vir acompanhada a consciência de que o sujeito se humaniza para a sua libertação, e encaminhando-se a liberdade, esta realidade só poderá ser alcançada na medida em que o homem se educa.

Nas palavras de Paulo Freire (2015), é somente a partir dos vínculos do homem com a realidade vivida, sentida pelas ações de criação, recriação e decisão, ele dinamiza o seu próprio mundo. E através do mundo vivido ele vai controlar, na medida do possível a realidade, e por meio desse controle ele a humaniza. Humaniza no sentido em que ele é o fazedor dessa realidade que é vida, produzindo também cultura. Mas isso só ocorre no espaço em que o jogo das relações do homem com o mundo e do homem com os homens, em dialética, ele vai alterando,



criando, não permitindo a imobilidade, pois é necessário também que o homem ao se educar deve participar de sua época criando, recriando e decidindo.

Atualmente, a educação depois da iniciativa de Freire concretiza-se dentro de alguns de seus parâmetros idealizados, tendo influenciado diversos educadores posteriores; ainda assim o modelo de pensamento proposto por Paulo Freire encontra-se longe do seu ideal instaurado na forma de educar. Entretanto, encontramos no pensamento do patrono da educação a confluência com a ideia grega de formação do homem, não de toda conformidade, ainda muito distante, dentro deste sentido mais pleno da educação.

Este esforço para fazer vigorar uma educação que nos humanize e que nos conduza a libertação para liberdade, e que aqui podemos representar na figura de nosso patrono, parte do seu esforço ao subir nos ombros de gigantes que pensaram a Educação em seu sentido primeiro, apesar de que a distância de sua origem seja nítida, e com isso a impossibilidade de uma Educação em toda a sua abrangência na concepção da Paideia.

Se voltarmos ao século anterior a proposta de Paulo Freire, veremos surgir no séc. XIX, dois pensamentos antagônicos que influenciaram e transformaram aspectos importantes da educação. Ambos os pensamentos são oriundos dos estudos de organização social, como o Positivismo de Auguste Comte e o pensamento Marxista de Karl Marx.

Enquanto que no Positivismo, que tem com Augusto Comte (1798-1857) a sua estruturação em sistema filosófico, visa a partir da completa reforma intelectual do homem, criar condições necessárias para a reorganização social que tenha por base as evidências científicas. Segundo Oliveira e Martiniak (2018), Comte percebia os problemas da sociedade através de uma ótica similar à da semiologia médica, ao encarar os sinais e sintomas de uma patologia que precisava ter sua saúde reabilitada.

Esse pensamento teve sua hegemonia como método e doutrina científica sobre a sociedade, utilizada como ferramenta que pudesse ser capaz de explicar as causalidades de todos os fatos sociais e designava à educação a tarefa de “transmissão, conservação e o controle dos conhecimentos, das opiniões e dos sentimentos apropriados para garantir a convergência necessária ao desenvolvimento normal da sociedade (Oliveira e Martiniak, 2018; apud SIMON, 1986, p. 85).

Nesse processo contínuo de mudanças das organizações sociais a concepção filosófica marxista fundamenta um novo paradigma do pensamento e neste sentido afeta diretamente a



noção de educação, que apesar de ser vista de forma esparsa nos escritos de Karl Marx, são essenciais para levar compreensão quanto ao embate das forças do homem contra a alienação do sistema capitalista. As ideias de Karl Marx, não aparecem sistematizadas em uma de suas obras de forma específica sobre a educação.

Para Marx, o homem é um ser da práxis, ou seja, por meio da ação-reflexão ele tem o poder de transformação e criação tanto do mundo na qual habita, quanto de sua própria existência, por meio do trabalho, que é uma tarefa de relação social especificamente humana, diferenciando-o dos demais animais, para tornar-se um ser social e histórico. O trabalho aparece como atividade fundante da concepção de humanização por ser uma atividade em que a atividade intelectual e atividade manual estão articuladas; a desarticulação ocorre na alienação do operário de seu trabalho, pois o produto do mesmo é uma mercadoria que não lhe pertence (SAUL, 2014).

A concepção marxista denuncia a retirada de autonomia do homem, retira sua condição de liberdade para produzir e usufruir de sua própria labuta, neste sentido, Marx não se refere somente aos produtos materiais, mas refere-se ao próprio homem, que se torna um autômato a disposição de outrem.

Essas duas novas concepções que mesmo antagônicas em seus meios e ideais tem por base e finalidade a educação do homem para liberdade, apesar que as diferentes categorias elementares dos métodos possam constituir uma ideia de liberdade e educação que venha a divergir, mas não no sentido mais essencial da semântica da palavra liberdade e educação; e justamente ao almejar uma liberdade da sociedade e do homem que elas aparecem como consequência dos métodos de educação que vão se estruturando num contínuo, decorrente de figuras importantes do séc. XVIII, o século das Luzes, como ficou conhecido.

Século das Luzes

Ao adentrarmos no Século das Luzes, deparamo-nos com as preocupações da nobreza, dos pensadores e dos políticos quanto as questões educacionais. E é partir deste século que a contemporaneidade finca mais solidamente suas raízes pelos métodos e bases criadas.



Duas importantes figuras sobressaem-se e suas obras mais tarde chegarão a nós: Jean Jacques Rousseau e Johann Heinrich. De igual modo com outras duas figuras revolucionárias do ano 1789, considerado o ano de início da Revolução Francesa, representada por Condorcet e Lepelletier. Estes, durante a Revolução, apresentaram planos para uma nova organização do um sistema nacional de educação francês; e é aí, a partir desse momento crucial, que vai se desenvolver uma educação pública de ordem estatal e dá-se início a um plano de educação que cubra toda a nação francesa (FILHO, 2010).

Essa ampla potencialização do problema educativo que é posto cada vez mais no centro da vida social conduzirá ainda no período do século XVIII, mais atravessará os séculos por sua marca no esforço consciente de valoração da razão, objetivando, na prática, a crença no progresso e a liberdade de pensar (ZENI, 2010).

Tal como a ciência, a educação, é construída sempre na sucessão de um pensador a outro pensador, e nesse ponto há séculos em que constituem uma ponte entre o vindouro, são os séculos de transição de um pensamento a outro.

Pedagogia Realista

Dessa forma o século XVII marca o surgimento da pedagogia realista que virá estabelecer um momento de transição entre a pedagogia do renascimento e a pedagogia iluminista do século XVIII. O cuidado para com o método nas ciências, na filosofia e na educação é característica mais marcante desse período, o que significará posteriormente o desenvolvimento de um maior senso crítico com os conhecimentos que possibilitam evidenciar cientificamente os fatos.

A pedagogia realista foi fortemente influenciada por duas correntes filosóficas: o empirismo de Francis Bacon e pelo racionalismo de René Descartes. E além dos desenvolvimentos dessas filosofias, esse século é também influenciado pelo movimento científico, liderado por Galileu Galilei e Johannes Kepler, sem mencionar a profunda revolução causada pela teoria heliocêntrica proposta por Nicolau Copérnico (FILHO, 2010).

A ideia de ser realista, partia da noção etimológica que vem a dar sentido a ideia de pedagogia realista; originada do latim *res*, "coisa", de forma que dava à experiência, às coisas



do mundo natural e do cotidiano, tal como os problemas da sociedade uma maior valoração, em detrimento, apenas, das abstrações ou somente das palavras sem sua materialidade. Desse modo, os educadores cada vez mais usavam a língua vernácula, sobrepondo o latim pela língua materna, contrariando a educação antiga, que era excessivamente formal e retórica (ARANHA, 2006).

Contra o rigor da educação antiga em sua formalidade literária do humanismo do período do renascimento, o pedagogo realista buscaria o rigor metodológico das ciências naturais para educar e guiar o aprendizado nas escolas da época formadas por educadores leigos e religiosos.

O principal protagonista dessa corrente de pensamento pedagógico moderno está representado por Jan Amos Komenský (João Amos Comênio), ainda no século XVII. Sendo pastor protestante, sua religiosidade o levou a interessar-se pela teoria didática; a partir desse interesse Comênio desenvolveu sua obra, a *Didacta Magna*, que lhe deu reconhecimento e é tida como uma obra complexa que não diz respeito apenas como um método pedagógico para ensinar com rapidez, mas uma obra que se preocupa com os princípios pedagógicos, psicológicos e filosóficos que refletiam toda a ideia de Comênio, de uma escola que não ensinasse palavras, mas que ensinaria o conhecimento das coisas. Assim, Comênio realizou em sua época o que na atualidade chamaríamos de método ativo (Oliveira, 2008).

Renascimento

O Renascimento, que foi entre os séculos XV e XVI, teve como notoriedade característica as grandes invenções, as grandes descobertas, a unificação dos territórios de diversas nações dando origem a formação de monarquias nacionais, a Reforma e a oposição a esta pela Igreja através da Contrarreforma, além de desencadear um movimento conhecido como Humanismo.

A partir do Renascimento, o Humanismo representou a busca da figura humana e da cultura, contrapondo com às concepções hegemônicas teológicas da Idade Média e ao espírito dogmático, servindo de modelo para as atividades intelectuais, dentre elas a reflexão



pedagógica, que culminou na elaboração dos tratados sobre educação (BERNARDO; TOLEDO, 2007).

Pedagogicamente, o pensamento renascentista tornou a educação mais prática, e retomou a cultura do corpo tão peculiar dos gregos. O retorno às fontes da cultura greco-latina visou à secularização do saber, ou seja, o saber tornou-se mais humano, desvestindo o saber da parcialidade religiosa.

Ainda para Bernardo e Toledo (2007), essa secularização provocou um conflito direto com a Escolástica, que segundo os primeiros representaria a obscuridade medieval e acusavam os escolásticos de se utilizarem dos textos clássicos, sem fazer uma análise correta, em seu sentido filológico, o que gerava um entendimento anacrônico dos textos.

É um momento que inaugura na trajetória intelectual humana, uma nova fase. O homem desse período confia na razão e nas aquisições intelectuais e culturais da Antiguidade, mas que se distanciavam da religiosidade, adotando assim aos estudos uma feição laica.

Mesmo o período sendo de grande efervescência cultural, a uma educação está longe do alcance da plebe, que permanecem analfabetas e incultas. A educação ainda está voltada para a formação do clero, da nobreza e da burguesia. Tendo em vista que, a influência medieval ainda era dominante na estrutura social.

A Educação na Idade Média

Com o surgimento do Cristianismo mudam os rumos da cultura ocidental e consequentemente as ideias sobre o processo educacional, que tem na organização da Igreja de um lado e da família de outro, dois núcleos fundantes do processo educacional, à medida que o Cristianismo se institucionaliza em Igreja. No início, os educadores eram os Padres da Igreja que constituíam a chamada Patrística. Houve êxito trabalho educacional dos padres da Igreja, dando ao povo educação, que era catequética e dogmática, e uma outra para o clérigo, humanista, filosófica e teológica. Os ofertados compreendiam nas estruturas do: *trivium* (gramática, dialética e retórica) e do *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música) (FILHO, 2010).



O Imperador Carlos Magno (séc. VIII), com o intuito de incrementar a cultura, fundou as escolas monacais, os mosteiros, as catedrais, junto às igrejas e as palatinas, junto às cortes. O sistema educacional proposto na época era organizado em três níveis pedagógicos: A educação elementar, ministrada pelos sacerdotes nas escolas paroquiais; a educação secundária, ministrada em conventos; e a educação superior, ministrada nas Escolas Imperiais, para a formação dos funcionários do Império (SCHNEIDER; NEOTTI, 2007)

Filho, (2010) comenta que, somente a partir do final do primeiro milênio da era cristã é que surge a Escolástica como uma mudança no pensamento cristão medieval que pretendia conciliar a razão grega com a fé cristã, para estabelecer uma educação integral. A escolástica influenciou decisivamente sobre toda a pedagogia católica.

Durante esse momento o caráter da escolástica, foi também transplantada para o Brasil, no ano de 1549, pelos Jesuítas, através da Companhia de Jesus, vindos com Tomé de Souza, o Governador Geral do Brasil. Esse modo de ser jesuítico marcou toda a escola e sua metodologia de ensino, até os dias de hoje, na sala de aula, tanto da rede pública quanto privada em algumas instituições.

Educação na Antiguidade Greco-romana

Antes de chegarmos na Grécia, local onde toda a civilização ocidental se originou e desenvolveu-se como tal, precisamos considerar a educação romana, que bebeu da fonte grega para construir sua pedagogia, ou seja, pedagogia romana possui em sua fundamentação bases gregas.

Em Roma, as ideias gregas só foram adotadas depois da Segunda Guerra Púnica. E após o período de implementação do currículo grego, há um esforço romano em fundar uma educação e literatura romana, pois antes disso, toda a educação romana era ministrada por educadores gregos e em língua grega. Durante algumas gerações, esse processo de nacionalização romana das escolas, mas que ainda se encontravam parcialmente helenizadas, conservou sua eficiência e praticidade até o século III, quando deu início ao declínio pedagógico na sociedade romana, ao manter-se numa corrente de pensamento em que dava-se prioridade as necessidades práticas do cotidiano, instaurando de modo geral o espírito de superficialidade (ABELSON, 2019).

Nesse breve caminhar pelas veredas da educação, chegamos em nosso destino, o que podemos chamar de lar da civilização ocidental, o seu berço, da qual nós herdamos um legado



pedagógico, que parte da concepção de Paideia, que passou por sucessivas vicissitudes pelo milênios que se seguiram, mas que ela não cessa de acenar para nós convidando a um retorno, que não possui em nada de anacrônico, mas diz sobre uma educação que mesmo na contemporaneidade o homem não desenvolveu totalmente, na plenitude do ser, o fato de ser de fato homem, humano, não apenas no sentido semântico, mas na verdade que a Paideia guarda em si.

Há cinco a seis séculos antes da nossa era, que da educação de todo o Ocidente tem seu início na Grécia Antiga. Nossa noção de que esta terra é o berço de nossa civilização, logo se justifica ao considerarmos a monumental contribuição dos gregos na área da Educação, mais especificamente, no âmbito dos ideais de formação humana. Como comenta Bortolini e Nunes (2018), as estruturas fundadoras da civilização grega atravessaram o tempo e, ainda hoje, organiza e orienta nossa vida social, cultural e civilizatória; e para estudarmos uma determinada dimensão da vida devemos ir às origens, ao fundamento primeiro, às condições de nascimento de uma determinada prática ou de um conceito. É preciso tal como o arqueólogo, vasculhar os registros a procura dos fatos.

O mundo grego foi pródigo no aparecimento de diversas tendências educacionais, porém forma os ensinamentos de nomes como Sócrates, Platão e Aristóteles que prevaleceram sobre os demais pensadores daquela época. As duas correntes da época, que eram antagônicas, estavam situadas cada uma em cidades-estados: Esparta e Atenas. Elas representavam dois paradigmas da ordem social e conseqüentemente duas concepções de educação distintas. Esparta era basicamente uma sociedade bélica, que encontrava na guerra a glória e a excelência, exaltando a figura dos heróis guerreiros; sua educação era militar e cívica rígida, em que todos os interesses eram sacrificados à razão do Estado. Enquanto que Atenas, era uma cidade-estado democrática, e que o seu processo educativo formava o indivíduo para que ele alcançasse o conhecimento da verdade, do belo e do bem (FILHO, 2010).

Para os gregos Paideia, constituía a educação plena e integral do homem; ou seja, um processo de desenvolvimento da alma, de cuidado e de sua ação enquanto animal político, fundamenta na ideia uma natureza ética e de sua identidade política. Mas Paideia, aponta também para a dimensão estética, isto é, o sentido e desejo de conseguir o máximo do bem e do belo da vida, o que Aristóteles chama de sumo bom (o máximo da bondade, o ideal ético de bondade, de ser bom) identificando-se com o sumo bem (o máximo da perfeição formal, o ideal de ser plenamente realizado) e ambos se revelando no sumo belo (o máximo da beleza estética,



da realização perfeita do ser da cada coisa ou pessoa). Somente pela educação era possível desenvolver a natureza humana, ética, estética e política. Educar, portanto, seria humanizar o humano, criar e formar para a cidadania, a politeia, a educação necessária para bem viver na polis (BORTOLINI; NUNES, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todas as escolas de pensamento pedagógico que se seguiram após os gregos, apresentam, de maneira inerente, em sua fundamentação a concepção de Paideia, que como bem referiu Jaeger, só apresentam um dos aspectos que compõem todo a educação do espírito grego, dando-lhe solidez na estrutura; que apesar das inúmeras crises históricas conseguiu perpetuar-se com nova roupagem nos sucessivos períodos. De igual modo, a educação claramente encontra-se em crise no Brasil. A palavra de Darcy Ribeiro, proferida há mais de quarenta anos, já evidencia o fato de que a educação se tornara objeto de interesse de um *establishment*, que deflagra constantes ataques, minando as bases da educação no país.

Todavia é em nossa contemporaneidade que chamamos de Crise na educação, o fenômeno absurdo, que representa a própria barbárie, promovida pelo estado democrático que objetiva a sua própria implosão, de forma que a manutenção democrática se dê por vias alienantes de retirada da autonomia e do poder cívico de seus cidadãos, através da má-formação das dimensões que constituem o sujeito humano.

Hannah Arendt, (2011) em seu texto A crise na Educação, faz uma referência a situação da educação na América, ao apontar que um dos aspectos mais característicos e reveladores é a crise periódica da educação a qual, se converteu em um problema político que os jornais falam quase diariamente, de forma que não é preciso grande imaginação para se avaliar os perigos que decorrem de uma queda constante e ininterrupta dos padrões pedagógicos ao longo de todo o sistema escolar.

Essa concepção arendtiana, mesmo que se dirija a América de seu tempo, ainda diz respeito a educação no Brasil, em nosso momento contemporâneo, em que a educação de qualidade tornou-se artigo mercadológico exclusivo para pequenas elites, enquanto que a população que compõe boa parte da sociedade carece de uma educação que a humanize, que lhe conduza ao bem, bem viver e ao sumo bem da vida de um homem, tal como os antigos gregos almejam com a Paideia.



REFERÊNCIAS

- ABELSON, P. **As Sete Artes Liberais: um Estudo sobre a Cultura Medieval**. Editora: Kírion; 1ª Edição (1 janeiro 2019).
- ARANHA, M L A. **História da educação e da pedagogia: Geral e Brasil**. Editora Moderna, 3ª, 2006.
- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Editora Perspectiva S/A, 2016.
- BERNARDO, D G; TOLEDO, C A A. **Educação e humanismo no pensamento de Juan Luís Vives (1492-1540)**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.25, p. 13 –32, mar. 2007.
- BORTOLINI, R W; NUNES, C. **A Paideia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego**. *Filos. e Educ.*, Campinas, SP, v.10, n.1, p.21-36, jan./abr. 2018.
- FILHO, J C P. **Caderno de formação. Formação de professores: educação, cultura e desenvolvimento**. Vol. 1. Universidade Estadual Paulista. Universidade Virtual do Estado de São Paulo, São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- JAEGUER, W. **Paidéia: A formação do homem grego**. Editora: WMF Martins Fontes; 6ª Edição, 2013.
- OLIVEIRA L M T. **O Pensamento Pedagógico Moderno: algumas reflexões sobre a educação, a ciência do Homem laico e universal**. DEPARTAMENTO DE TEORIA E PLANEJAMENTO DE ENSINO, 2008.
- OLIVEIRA, L L; MARTINIAK, V L. **Ordem e progresso: Augusto Comte e as influências do Positivismo na educação das mulheres na Primeira República brasileira**. Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 11, n. 1, jan./abr. 2018.
- SAUL F Q V. **A educação no pensamento de Karl Marx**. Revista Veras, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 25-36, janeiro/junho, 2014.
- SCHNEIDER, C R O; NEOTTI, M. **A educação na Idade Média**. Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI Licenciatura em História (HID0771) – História da Educação, 2007.
- SILVA, M J; MUZZETI, L R. **Educação brasileira: Projeto de uma crise**. Trama Interdisciplinar, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 223-243, maio/ago. 2017.
- ZENI, A B. **Educação e autonomia no Iluminismo**. Congresso internacional de Filosofia e Educação. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2010.